

## A DESCONTINUIDADE DA SUPER-HEROÍNA NEGRA E QUEER: UMA ANÁLISE SOCIOPOLÍTICA DA SÉRIE *NAOMI* (2022)

*The discontinuity of the black and queer superheroine: A socio-political analysis of the Naomi series (2022)*

*La discontinuidad de la superheroína negra y queer: un análisis sociopolítico de la serie Naomi (2022)*

Ellen Alves Lima<sup>1</sup>

**Resumo:** A presente pesquisa questiona a falta de continuidade da série *Naomi* (2022). A produção seriada que apresentava a super-heroína negra e bissexual da DC Comics foi cancelada com apenas uma temporada de dez episódios. Para isso, vamos utilizar a metodologia *Análise Crítica da Narrativa* de Motta (2013), assim elencamos certos elementos narrativos e os aproximamos de teorias contra-hegemônicas. Ressaltamos a relevância de autores como Grada Kilomba (2019) e Preciado (2023). Em seguida, aplicamos o estudo exploratório de Gil (2002) iniciando com notícias relacionadas ao universo televisivo da DC Comics. Desse modo, observamos certas complexidades e exaltamos a relevância da projeção de uma super-heroína negra e queer.

**Palavras-chave:** Super-heroína. Naomi. DC Comics. Negritude. Woke Capitalism.

**Abstract:** This research questions the lack of continuity in the series *Naomi* (2022). The series featuring the black, bisexual DC Comics superheroine was canceled after just one season of ten episodes. To do this, we are going to use Motta's (2013) Critical Narrative Analysis methodology, so we list certain narrative elements and bring them together with counter-hegemonic theories. We highlight the relevance of authors such as Grada Kilomba (2019) and Preciado (2023). We then applied Gil's (2002) exploratory study, starting with news related to the DC Comics television universe. In this way, we observed certain complexities and highlighted the relevance of projecting a black and queer superheroine.

**Keywords:** Superhero. Naomi. DC Comics. Blackness. Woke Capitalism.

**Resumen:** Esta investigación cuestiona la falta de continuidad de la serie *Naomi* (2022). La serie protagonizada por la superheroína negra y bisexual de DC Comics fue cancelada tras solo una temporada de diez episodios. Para ello, vamos a utilizar la metodología del Análisis Crítico

<sup>1</sup> Doutoranda, Programa de Pós-Graduação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: ellen2000.a.l@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9021778539927087>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-6230-8113>.

Narrativo de Motta (2013), con el fin de enumerar ciertos elementos narrativos y ponerlos en relación con las teorías contrahegemónicas. Destacamos la relevancia de autores como Grada Kilomba (2019) y Preciado (2023). A continuación, aplicamos el estudio exploratorio de Gil (2002), partiendo de noticias relacionadas con el universo televisivo de DC Comics. De este modo, observamos ciertas complejidades y destacamos la relevancia de proyectar una superheroína negra y queer.

**Palabras clave:** Superhéroe. Naomi. DC Comics. Negritud. Woke Capitalism.

## Introdução

Em janeiro de 2022, a DC Comics exibiu no canal de televisão dos Estados Unidos, CW, a série da super-heroína Naomi. A ficção seriada apresentava uma adolescente negra e bissexual que um certo dia, ao ter a sua cidade salva por Superman, desperta seus superpoderes. A partir desse momento, a personagem passa por diversas revelações, uma delas sendo que era adotada e a outra que veio de um planeta Terra de outra dimensão.

Apesar de percebemos pelos elementos elencados acima que a narrativa apresenta fatores que possam despertar a atenção, a série foi cancelada em sua primeira temporada com apenas 10 episódios, e em março do ano de 2025, foi retirada do catálogo do serviço de streaming da HBO Max. Fora do Brasil, ainda é possível assistir à narrativa seriada na Prime Video, porém no território brasileiro só é possível assistir ao conteúdo por meio da pirataria.

Devido a esses elementos que circulam *Naomi* (2022), o presente trabalho busca questionar o cancelamento e apagamento da série. Para isso, primeiro vamos analisar a narrativa da ficção seriada, a partir da metodologia *Análise Crítica da Narrativa* de Motta (2013), com o intuito de elencarmos os pontos principais da história e refletirmos sobre os elementos que poderiam direcionar para o cancelamento. Em seguida, realizamos um estudo exploratório de Gil (2002), iniciando com notícias relacionadas ao universo das narrativas televisivas da DC Comics.

Consideramos relevante questionar esse cancelamento e apagamento da série, uma vez que outras narrativas seriadas do canal de TV CW como: *Flash* (2014 -2023), *Arrow* (2012 - 2020), *DC Legends of Tomorrow* (2016 - 2022), ou até *Supergirl* (2015 - 2021) e *Black Lightning* (2018 - 2021) alcançaram desde a quarta temporada até a nona temporada. Vale destacar que esses produtos audiovisuais apontados acima apresentam protagonistas hegemônicos, desde homens brancos cis e héteros, até protagonistas com apenas uma camada minoritária, como uma mulher branca e um homem negro. Desse modo, percebemos que a nossa pesquisa está colocando em holofote uma vulnerabilidade derivada da

interseccionalidade da personagem que contém em si três camadas minoritárias<sup>2</sup>: mulher, negra e queer.

### **A super-heroína negra e queer**

A super-heroína Naomi surgiu pela primeira vez, no universo dos quadrinhos em *Naomi Volume 1* (2019) e após a sua primeira coleção, tornou-se parte da Liga da Justiça em *Naomi Volume 2* (2023). Apesar de ser uma personagem recente, Naomi conquistou o público ao ponto de ser rapidamente transposta para o universo televisivo da DC Comics. *Naomi* (2022) foi coproduzida pela empresa Array, que é da cineasta Ava Duvarney amplamente conhecida porque além de realizar produtos audiovisuais que alertam sobre as violências que pessoas negras sofrem nos Estados Unidos, como *Selma* (2014), também financia e abre portas para que mulheres e pessoas negras entrem no mercado de trabalho audiovisual dos EUA (MALONE, 2018, p.166).

Enquanto outras séries da DC Comics abordam a dificuldade de ser um adulto com superpoderes, na nossa ficção seriada acompanhamos as dificuldades de ser um adolescente que descobre ter superpoderes. A narrativa não apresenta grande complexidade, pois percebemos que faz parte do estilo *coming of age*<sup>3</sup> dos Estados Unidos. Entretanto, há a percepção de certa originalidade quando notamos que parte do plot da super-heroína é descobrirmos com qual dos três ela vai ficar: Nathan, o ex ficante negro nerd, Anthony, o amigo louro rebelde ou Lourdes, a amiga latina indie. Embora um triângulo amoroso, ou até um quadrado amoroso, não seja algo original a particularidade apresentada pela série é a bissexualidade da personagem.

A partir daqui estamos aplicando a *Análise Crítica da Narrativa* de Motta (2013), então levantamos dados relacionados à estória da série e depois vamos analisá-los de modo crítico a partir do nosso referencial teórico que possui um caráter contra-hegemônico. Vamos dividir os dez episódios em três atos priorizando os momentos que apresentam movimento na narrativa. Dessa maneira, buscamos compreender o arco narrativo completo. Após a exposição sucinta da estória da ficção seriada vamos empreender a camada crítica da nossa análise.

---

<sup>2</sup> Utilizamos esse termo a partir da percepção de Muniz Sodré (2005) que destaca quatro características ao redor dessa nomenclatura: 1) Vulnerabilidade jurídico-social; 2) Identidade in statu nascendi; 3) Luta contra-hegemônica; e 4) Estratégias discursivas.

<sup>3</sup> Esse estilo apresenta o momento em que o indivíduo se torna adolescente, descobrindo sentimentos e sensações novas.

A importância de dividir a série de dez episódios em três atos parte da seguinte teoria. O arco narrativo seria a trajetória a qual o personagem se propõe a realizar. Em guias de roteiros, como o *Poder do Clímax* de Luiz Carlos Marciel (2017), é comum encontrar a fórmula de três atos, o primeiro ato seria a apresentação do universo do protagonista e que problema ele teria que resolver, no segundo ato observamos como o protagonista irá resolver esse problema alcançando o auge da história. Por fim, no ato três, observamos se o protagonista resolveu o problema, percebendo como o seu universo foi modificado após a sua aventura.

Maciel (2017) desenvolve uma fórmula a partir de seu referencial teórico discutido em seu livro. Seu modelo apresenta de modo figurativo uma casa, cada ponta representa algum termo dos estudos de roteiro (Maciel, 2017, p.37). O chão da casa é dividido de maneira macro por três, seguindo a nossa explicação dos três atos, e é dividido de maneira micro por seis partes. A partir das paredes e teto observamos que a história perpassa o seguinte trajeto: O teaser e Exposição que seria esse momento de apresentação do universo da história, em seguida o Ataque que vai nos explicar o problema que seria o desafio pelo qual nosso protagonista vai passar. Chegamos ao Tema que seria que mensagem o roteirista gostaria de provocar a partir da ação que o protagonista irá realizar para superar o desafio. Alcançamos a complicação, que seria o momento de maior dificuldade em superar o desafio. Por fim, no nosso terceiro ato, temos a tensão entre a ação do protagonista e o conflito gerando assim o clímax, nos direcionando para a premissa que seria esse momento de resolução da história. De certo modo, parece algo complexo, entretanto, é a receita de bolo que encontramos em diversas histórias, desde literárias até audiovisuais.

Logo, ao iniciarmos a nossa exposição da narrativa percebemos que no primeiro ato, Naomi é apresentada apenas como uma adolescente normal de série estadunidense, estudiosa, skatista, gentil, bem-humorada e muito fã dos super-heróis da sua geração. Um certo dia indo para a escola, Naomi vê Superman lutando contra um alienígena. A protagonista fica maravilhada ao ver o seu herói favorito de perto, porém algo mais acontece, seus superpoderes são despertados. A partir dessa cena, a super-heroína inicia a sua investigação para entender de onde vieram seus poderes e quem ao seu redor já tinha esse conhecimento e guardou o segredo de modo que não tivesse percebido até aquele momento.

Naomi não realiza essa investigação sozinha, acompanhada de quatro amigos tenta equilibrar a vida escolar com a busca por sua origem. Dentre esses quatro amigos, três são seus crushes e possíveis pares românticos. Portanto, além de assistirmos a uma adolescente

procurando por pistas de onde poderia ter vindo, também acabamos torcendo pelo nosso casal favorito, que pode ser qualquer uma das três opções. Vale destacar uma curiosidade, nos quadrinhos, Naomi namora Annabelle Peters, que na série ficou apenas como sua melhor amiga.

No segundo ato a heroína descobre que o mecânico da cidade, Frank, era um caçador intergaláctico e após perder sua esposa em uma luta resolveu se aposentar na Terra. Apesar de Frank não saber da origem da personagem, ele a treina para aprender a lutar e controlar seus poderes. Além disso, Naomi descobre que o vendedor de carros da cidade sabe alguma coisa a respeito de seu passado e que também tem superpoderes, porém o personagem não a ajuda e ainda tenta dificultar a investigação dela.

Apesar de os pais adotivos de Naomi serem gentis, compreensivos e bem-humorados, eles não foram cooperativos com as perguntas da filha. Conforme o decorrer da narrativa, os responsáveis explicam a seguinte história para a protagonista: Os pais, o vendedor de carros e Naomi vieram de um planeta Terra de outra dimensão. Essa versão alternativa do planeta não tinha pessoas com superpoderes, até que um cometa passou no céu e 26 pessoas passaram a ter habilidades especiais e os pais biológicos de Naomi faziam parte desse grupo. Uma das pessoas que recebeu esse acréscimo se tornou um vilão e resolveu governar o planeta, assim, tentou matar a maioria das pessoas do grupo que não concordassem com o seu plano. O planeta ficou inabitável, porém algumas pessoas conseguiram fugir para outra dimensão, esse grupo seria composto por, Naomi, seus pais e o vendedor de carros.

No terceiro ato a super-heroína descobre que é a única que pode fazer seu planeta voltar a vida, porém teria que derrotar o vilão que o deixou devastado. Em meio a essas revelações, Naomi torna-se presidente do corpo estudantil e decide namorar com Nathan, o menino negro e nerd, assim quando a heroína tem uma oportunidade de beijar Lourdes, recusa por já ter um compromisso. Desse modo, a série apresenta as opções de casais que Naomi poderia formar, porém só concretiza um deles.

A projeção de um casal afro centrado é extremamente comum em narrativas seriadas dos Estados Unidos, temos exemplos marcantes como: *Eu a Patroa e as Crianças* (2021 - 2025), *Todo Mundo Odeia o Chris* (2005 - 2009) e *Black Lightning* (2018 - 2021). Portanto, podemos interpretar essa escolha de algumas formas. Enquanto podemos considerar que a apresentação de casais afro centrados pode ser uma forma de empoderar o amor negro, ainda podemos ter a leitura de que seria a narrativa mais segura para a aceitação do público. Portanto,

a ficção seriada perdeu a oportunidade de trazer profundidade para um tipo de casal pouco projetado nas séries da DC Comics. Precisamos destacar que a CW projetou casais lésbicos em *Batwoman* (2019 - 2022) e em *Supergirl* (2015 - 2021) que não partiu da protagonista e sim de uma personagem coadjuvante. Ainda são poucos exemplos quando consideramos o vasto catálogo de ficções seriadas da DC Comics.

No final da obra, Naomi entra em um portal que a leva para o seu planeta natal. Assim que toca em algumas plantas mortas, observa-as recuperando a vida. Em pouco tempo, o vilão chega e tenta convencê-la a juntar-se a ele e dominar todas as dimensões. A super-heroína negra e nos deparamos com os créditos finais.

### **Imaginário e heroísmo**

Uma vez que finalizamos a exposição da narrativa seriada em três atos, agora vamos analisar os elementos citados acima a partir de uma perspectiva teórica contra-hegemônica. Quando levamos o nosso olhar para a projeção de pessoas negras nas mídias devemos nos lembrar que por muitas vezes, e por muito tempo, isso foi feito de maneira pejorativa. Adilson Moreira em *Racismo Recreativo* (2019) adverte sobre essa questão indicando que uma representação pejorativa da negritude afeta até a dignidade de uma pessoa negra. Desse modo, compreendemos que o imaginário de culturas afetadas pela colonização europeia apresenta esse sintoma.

Além da projeção pejorativa na mídia, o corpo negro sofre diversas violências derivadas do racismo na sociedade. Grada Kilomba destaca essa questão em seu livro, *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano* (2019), onde descreve que o racismo não é algo do passado e que está presente na sociedade atual. A autora também apresenta três tipos de racismo: racismo estrutural, racismo institucional e racismo cotidiano.

Apesar de ser interessante compreender todas as nomenclaturas apresentadas por Kilomba (2019) vamos nos debruçar apenas sobre alguns dos termos que tem relação com a nossa pesquisa. O racismo institucional denuncia que pessoas negras são impedidas de ascender no mercado de trabalho. Quando observamos o caso de *Naomi* (2022), percebemos que Ava Duvarney, além de estar presente no projeto, como um dos grandes nomes, também contratou diversos diretores e roteiristas negros para idealizar a série. Desse modo, notamos uma certa ruptura no sistema empregatício das narrativas seriadas da DC Comics, uma vez que, em outras produções, a maioria desses cargos foram ocupados por indivíduos de caráter hegemônico,



como em: *Flash* (2014 – 2023), *Arrow* (2012 - 2020) e *DC Legends of Tomorrow* (2016 - 2022). Todos os dados utilizados para essa afirmação foram retirados do site Imdb, uma plataforma sobre cinema extremamente relevante e respeitada.<sup>4</sup>

Ao avançarmos na discussão, quando pensamos em produtos audiovisuais e idealizações contra-hegemônicas, ainda assim um dos fatores que acusam o final abrupto da série seria a falta de audiência. Apesar de o streaming HBO Max ter colocado semanalmente o pôster da série na página principal da plataforma, ainda não encontrávamos uma grande comoção nas redes sociais ou ações de marketing expressivas para chamar atenção para a série. Esse tipo de ação deveria partir do investimento na série. Desse modo, isso nos leva a compreender outro fator sobre a equipe de *Naomi* (2022), a maior parte do lucro vai para a Warner onde o Ceo é David Zaslav, um homem branco, cis e hétero. Assim, percebemos que a ruptura no Imaginário apresenta um certo limite, pois há a percepção de falta de investimento e que o lucro iria em grande parte para uma pessoa de caráter hegemônico.

Outra nomenclatura relevante de Kilomba (2019) para a nossa pesquisa faz parte do conjunto Racismo Cotidiano, a sexualização. Infelizmente a sexualização é comumente relacionada ao corpo da mulher negra, estudos sobre pessoas escravizadas como os de Laurentino Gomes indicam que as mulheres negras eram abusadas desde o navio negreiro e esse costume se perpetuou até os dias atuais. O autor desenvolve que:

O tormento era particularmente grande para as mulheres escravas, que ficavam separadas dos homens em porões mais próximos dos alojamentos da tribulação. Ali, elas estavam vulneráveis ao assédio e ao estupro por parte dos oficiais e marinheiros, sem ninguém que pudesse defendê-las (Gomes, 2019, p. 288).

Esse fato histórico nos dá uma das primeiras justificativas do porquê a figura da mulher negra é sexualizada, construção essa que está presente em países colonizados como o Brasil. Esse perfil da mulher negra ser sexualizada felizmente é desconstruído na série pelo perfil da personagem negra apresentada. Naomi é uma adolescente alta e magra que está sempre vestida de maneira adequada a sua idade e identidade. Portanto, não há a presença de um short ou saia muito curtos ou um decote muito profundo. Nesse caso observamos uma nova ruptura na narrativa seriada. Há a quebra do paradigma da objetificação sexual que ocorre nos países que foram colonizados, projetando o corpo da mulher negra de outra forma.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.imdb.com/pt/title/tt13624900/>. Acesso em: 25 de jul. 2025.

Desse modo, encontramos mais elementos que rompem com imaginário hegemônico. Visto que a representatividade não é apenas algo superficial por ter uma pessoa negra na tela, o elemento necessário para ser um avanço é o surgimento de narrativas que fujam desse preconceito histórico. Beatriz Nascimento (2019) descreve a herança histórica que a escravidão deixou quanto a sexualização da mulher negra.

A exploração sexual de que foi vítima por parte dos senhores situação determinada principalmente pela moral cristã portuguesa que atribuía à mulher branca das classes mais altas o papel da esposa, dependente economicamente do homem, e limitada quando esposa, ao papel de procriadora, com a vida sexual retrata a maternidade fez com que a liberação da função sexual masculina recaísse sobre mulher negra ou mestiça (Nascimento, 2019, p. 263).

Embora a afirmação da autora nos apresente um dado referente ao Brasil, reconhecemos que essa violência não é particular do nosso país. Assim, reforçamos que a sexualização do corpo da mulher negra é algo historicamente denunciado e documentado. Grada Kilomba (2019) aponta as formas em que o sujeito negro é percebido como o outro, dentro do racismo cotidiano é classificado como "erotização". "O sujeito negro torna-se a personificação do sexualizado, com um apetite sexual violento: a prostituta, o cafetão, o estuprador, a erótica e a exótica" (Kilomba, 2019, p.79). Assim, no universo televisivo das HQs, Naomi é apresentada como uma quebra de paradigma em como abordar e construir uma personagem que seja uma mulher negra, sendo assim, apresentada de forma digna despertando novos imaginários.

Kilomba (2019) também apresenta uma forma interessante de pensar sobre os corpos na sociedade. A autora adverte que, ao ser apenas um homem negro ou apenas uma mulher branca já existiria um caráter contra-hegemônico, entretanto, ao conter em si duas camadas minoritárias, mulher e negra, é considerada "o outro do outro" (Kilomba, 2019, p. 88-89). Enquanto a mulher negra, como uma expressão da interseccionalidade, sofre tanto com o racismo como com o machismo, localizando-se mais à margem da sociedade do que os dois corpos listados anteriormente, Naomi contém mais uma camada minoritária, sua sexualidade. Talvez possamos pensar no corpo de Naomi como a outra da outra da outra, indo além da marginalização descrita acima.

Ieda Tucherman relaciona os corpos contra-hegemônicos, fora do padrão homem branco cis estabelecido pela sociedade grega, como monstros da sociedade em seu livro *Breve História do Corpo e de seus Monstros* (2012). Pois, de certo modo, o monstro desestabiliza a ordem que a sociedade estabeleceu como natural. Preciado recupera esse conceito quando relaciona o



corpo queer como o monstro em seu discurso transcrito no livro *Eu sou o monstro que vos fala* (2022). O autor alerta que a ciência e a psicanálise precisam se atualizar para compreender e acolher as pessoas LGBTQIAPN+. Uma vez que, trata-se um grupo que até atualmente é apontado como doente (Preciado, 2023, p. 14), o monstro que precisa de conserto para se tornar natural.

Judith Butler em *Corpos performáticos* e Donna Haraway em seu *Manifesto Ciborgue*, cada uma a seu modo, descrevem que não existe um corpo natural. Enquanto Butler (2019) apresenta que gênero é uma performance conduzida pela cultura e contexto sócio-histórico, Haraway (2019) nos alerta que ninguém é natural devido a todas as modificações tecnológicas que interagem com os nossos corpos. Portanto, nenhum corpo é normal ou anormal, “somos todos ciborgues” (2019, p. 164). Butler nos alerta sobre o processo de dominação a qual fomos manipulados para performar o gênero de maneira binária. Haraway retoma essa teoria ao indicar que biologicamente somos alterados e por isso não devemos responder a esse sistema de dominação.

Vale adicionar mais uma camada para a nossa discussão, Achille Mbembe em *Crítica da Razão Negra* (2018) descreve que a inferiorização da raça é uma fabulação que foi construída para justificar a violência contra as pessoas racializadas. Desse modo, estamos definindo que os impactos a certos elementos que compõe a super-heroína, como seu gênero, sexualidade e raça, fazendo com ela sofra diversos tipos de violência ao longo de sua existência, foram criados e idealizados. A violência contra mulheres, queers e negros foi desenvolvida e é mantida para que a soberania hegemônica se mantenha no poder. Desse modo, estamos tratando de algo que pode ser alterado.

Por essa razão, bell hooks em *Ensinando Pensamento Crítico* (2023) nos encaminha para questionarmos os produtos midiáticos que entramos em contato durante o nosso cotidiano. A autora destaca que, no nosso dia a dia, recebemos diversos estímulos da mídia que transmitem um discurso hegemônico. Desse modo, cabe a nós realizarmos o exercício de pensamento crítico para que não fiquemos alienados.

Logo, ao analisarmos a narrativa de Naomi reconhecemos que não houve pontos pejorativos na representação de uma adolescente negra e queer, porém notamos que a sua projeção nas telas da televisão assusta o público que espera não assistir esse corpo.

Acompanhamos o desmoronamento do que seria o normal e natural diante do público conservador.

McManus (2021) compreendeu que a sociedade atual é polarizada de diversas formas, inclusive politicamente, e assim encontrou novidades. Enquanto existiram e existem grupos contra-hegemônicos lutando pelo direito de serem vistos e conquistarem medidas políticas que garantam equidade diante da sociedade, atualmente os grupos hegemônicos de direita lutam pelo direito de propagarem seus valores conservadores e cristãos como se eles fossem os oprimidos historicamente, desejando recuperar um mundo antigo e conservador. Mc Manus (2021) percebe essa inversão como uma apropriação dos movimentos identitários.

Ou seja, além de Naomi ser o monstro nessa configuração, sua monstruosidade é potencializada para o grupo descrito acima. Uma adolescente negra e bissexual com superpoderes desestabiliza o imaginário de super-herói que estava cristalizado por figuras hegemônicas.

### **Money money money**

*Naomi* (2022) apresentava diversos pontos interessantes relacionados à representatividade feminina e negra. Entretanto, a série ainda foi cancelada em sua primeira temporada com 10 episódios. Desse modo, aqui nos propomos a realizar um estudo exploratório, de Gil (2002), iniciando com notícias sobre o universo televisivo da DC Comics para compreender quais foram os fatores externos que impactaram a continuidade e exibição da narrativa seriada.

Até julho de 2025, conseguimos obter diversas informações a partir do estudo exploratório das notícias relacionadas ao universo televisivo da DC Comics. No ano de 2022 ocorreu a fusão da Warner Bros. com a Discovery Channel. Essa fusão resultou em uma reestruturação na The CW, que passou a focar em cortes de despesas em produções que não tivessem o retorno de audiência desejado. A Warner Bros. Studios, que detém os direitos audiovisuais da DC Comics, passou a ser presidida por um novo Ceo, David Zaslav, que apresenta apoio<sup>5</sup> ao presidente Trump que já foi visto realizando ataques verbais contra pessoas negras, imigrantes, LGBT e mulheres. O novo gestor declarou que os produtos televisivos da DC Comics seriam direcionados para o público masculino, então, encerrou os projetos que

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.hollywoodreporter.com/business/business-news/donald-trump-wbd-ceo-deals-positive-impact-1236055707//> . Acesso em: 12 jun. 2025.

apresentavam um viés contra-hegemônico ou os que não apresentavam um retorno financeiro significativo.<sup>6</sup>

Enquanto a DC Comics passou por essa mudança de gestão, o streaming da HBO Max enfrentou a dificuldade de obter lucro, uma questão comum pela qual outros streamings também passam<sup>7</sup>. A solução escolhida para tentar lucrar foi, ao invés de pagar para cada país os direitos de se exibir cada série, o streaming não realizou esse investimento e aguardou para que outro serviço pagasse esse valor e assim projetasse a série em outra plataforma. Desse modo, parte do lucro da projeção em outro streaming retornaria para a HBO Max<sup>8</sup>. Essa estratégia funcionou com séries como *Supergirl* (2015 – 2021) e *Flash* (2014 – 2023) que se encontram na Netflix e na HBO Max.

Embora existam discussões que apontem a representatividade nas mídias como uma busca por lucro, conhecemos esse conceito atualmente como *Woke Capitalism* (Rhodes, 2022), aqui observamos a falta de esforço e de estrutura para manter a continuidade desses produtos audiovisuais. Desse modo, após a projeção de representatividade e diversidade, encontramos o apagamento midiático como uma busca por lucro, a morte midiática através da descontinuidade. De acordo com Mbembe (2018) vivemos em um sistema necropolítico cujo resultado é a morte do corpo negro, a quem é impedida a representação digna, política e empregatícia. Por essa razão, é um tema que deve ser abordado com urgência, visto que, apenas a projeção da imagem não é o suficiente.

Podemos atribuir esse cancelamento da série a um movimento que estamos observando e vamos explicar a seguir. No contexto da escola de Frankfurt, Adorno e Horkheimer desenvolveram a obra *Indústria cultural* (2020), nela o autor descreveu o efeito formulaico que as grandes mídias estavam reproduzindo.

Quando Adorno publicou a *Indústria Cultural* (2020) houve uma grande preocupação em revelar a dominação capitalista sobre o cinema e os produtos de entretenimento. O teórico também afirma que essas mídias alienavam o público de massa. Embora a teoria do autor apresente algumas passagens em que há a exclusão do poder crítico do público de massa,

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://screenrant.com/warner-bros-movies-tv-shows-ceo-david-zaslav-canceled/> . Acesso em: 12 jun. 2025.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.chippu.com.br/noticias/max-remove-series-hbo-the-last-of-us-por-que> . Acesso em: 12 jun. 2025.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.chippu.com.br/noticias/max-remove-series-hbo-the-last-of-us-por-que> . Acesso em: 12 jun. 2025.

questão que é retomada e ressignificada por Hall em seu livro *Da Diáspora: identidade e mediações culturais* (2003), boa parte do conceito de *Indústria Cultural* (2020) pode ser utilizado para compreender o movimento que estamos acompanhando no mercado audiovisual.

O que é novo na fase da cultura de massas em comparação com a fase do liberalismo avançado é a exclusão do novo. A máquina gira sem sair do lugar. Ao mesmo tempo que já determina o consumo, ela descarta o que ainda não foi experimentado porque é um risco. É com desconfiança que os cineastas consideram todo manuscrito que não se baseie, para tranquilidade sua, em um best-seller. Por isso é que se fala continuamente em ideia, novelty e surprise, em algo que seria ao mesmo tempo familiar a todos sem ter jamais ocorrido (Adorno, 2020, p. 08).

Adorno reconhece o efeito formulaico que o cinema estava reproduzindo. Entretanto em nosso recorte percebemos uma certa mudança, a inserção de protagonistas contra-hegemônicos como uma ruptura em meio ao intenso número de super-heróis brancos cis e héteros. A cineasta Ana Julia Travia observa essa modificação da seguinte forma em seu texto *Uma cinema negra: limitações ou rupturas hegemônicas* (2021): “A indústria sempre precisou dos marginalizados para se renovar e se fazer relevante ao trazer novos movimentos. Para inovar quando atinge a mesmice, por assim dizer” (2021, p.221). Enquanto para o público conservador, a mudança é uma ruptura, para a indústria audiovisual é uma forma de continuar lucrando.

Apesar de muitos filmes como *Pantera Negra* (2018), *Mulher Maravilha* (2017) e *Capitã Marvel* (2019) terem sido grandes sucessos de bilheteria compreendemos que houve a utilização da fórmula narrativa comum do universo de super-heróis, um grande investimento em marketing e o toque de novidade a partir dos novos rostos heroicos. O que podemos notar é que estamos diante de um esgotamento da fórmula: rosto contra-hegemônico somado à narrativa comum. Destacamos aqui a evidente falta de marketing no caso de *Naomi* (2022). Portanto, podemos afirmar que a fórmula não encontra ressonância no mercado audiovisual na ausência de propaganda. Os grandes estúdios buscam reproduzir incessantemente enquanto recebem lucro. Porém, alcançamos o ponto em que parece haver uma indisposição em investir na qualidade da obra audiovisual e repousar na segurança de que se há um protagonista contra-hegemônico o sucesso é garantido.

Apesar de abordamos um caso complexo com muitos fatores atravessando a mesma ficção narrativa, conseguimos compreender elementos que impactaram a exibição e continuidade da narrativa seriada. Todos de alguma forma nos direcionaram a observar a interseccionalidade e suas vulnerabilidades diante do mercado audiovisual da DC Comics.

## Conclusões

Acompanhamos a série Naomi (2022) e conhecemos a produtora Ava Duvarney e seu impacto na narrativa seriada. Em seguida, buscamos compreender o porquê de a ficção seriada ter sido cancelada e apagada com apenas uma temporada com dez episódios.

Para isso, aplicamos inicialmente a metodologia *Análise Crítica da Narrativa* (2013) de Luiz Gonzaga Motta. Conhecemos os três atos da série Naomi, reconhecendo a jornada da heroína e como equilibrou a investigação por sua origem com a vida escolar. A partir da análise da narrativa, introduzimos o caráter teórico e crítico ao interpretar certos elementos com conceitos de Kilomba (2019) e Preciado (2023).

Embora tenhamos percebido que foi uma série simples com a organização da cineasta Ava Duvarney, ainda nos faltaram fatores para compreender o cancelamento e apagamento. Desse modo, partimos para o estudo exploratório de Gil (2002) iniciando com notícias relacionadas ao universo televisivo da DC Comics. Nessa etapa, conhecemos o CEO David Zaslav e seu impacto na indústria do entretenimento. Assim, retomamos certos apontamentos de McManus (2021) e fomos introduzidos à ideia de *Woke Capitalism* de Rhodes (2020). Entretanto, nos deparamos com o pós do *Woke Capitalism*, o apagamento. Assim, há a ideia de lucro a partir da representatividade, porém sem a devida preocupação e investimento, há o esvaziamento da pauta política. Ainda assim, reconhecemos a existência de boicotes realizados pelo público mais conservador.

*Naomi* (2022) apresenta uma série de complexidades, desde a sua narrativa que introduz uma super-heroína negra e queer, a exibição com pouco investimento até as razões para o seu cancelamento e apagamento. O presente trabalho buscou se debruçar por todos os fatores reconhecíveis para entender o que aconteceu com essa narrativa seriada. A razão para considerarmos essa questão relevante seria que o mundo atual vive em uma velocidade em que um dia um assunto é notícia e no outro se torna *Lost Media*, sendo assim, retomamos aqui a existência dessa ficção seriada.

Outra motivação para realizarmos esse trabalho é derivada do livro pensamento crítico de bell hooks (2020). Na obra é apresentado como em nosso cotidiano somos bombardeados com diversas mensagens hegemônicas que podem nos deixar alienados. Desse modo, cabe ao público desempenhar o pensamento crítico para com esse bombardeamento, o questionamento como protesto diante da tentativa constante de apagamento da cultura afro.

## Referências

ADORNO, Theodor W; Horkheimer, Max. **DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO; Fragmentos Filosóficos. A Indústria Cultural: O Esclarecimento Como Mistificação das Massas.** São Paulo: Unesp (2020).

BUTLER, Judith. Atos performáticos de gênero e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

GEORG SZALAI. **Hollywood Reporter.** Estados Unidos: Penske Media Corporation, 2024. Disponível em: <https://www.hollywoodreporter.com/business/business-news/donald-trump-wbd-ceo-deals-positive-impact-1236055707/>. Acesso em: 7 jul. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GUILHERME JACOBS. **Chippu.** Brasil: Omelete Company, 2025. Disponível em: <https://www.chippu.com.br/noticias/max-remove-series-hbo-the-last-of-us-por-que>. Acesso em: 7 jul. 2025.

GOMES, Laurentino. **Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal à morte de Zumbidos Palmares, volume 1.** Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2019.

HALL, Stuart. **Da Diáspora Identidades e Mediações Culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática.** São Paulo: Elefante, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MACIEL, Luiz Carlos. **O poder do clímax: fundamentos do roteiro de cinema e TV.** São Paulo: Giostri, 2017.

MALONE, Alicia. **Backwards & in heels.** United States of America: Mango Publishing Group, 2018.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra.** São Paulo: n-1, 2018.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** São Paulo: n-1, 2018.

MCMANUS, Matthew. **The Rise of Post-Modern Conservatism: Neoliberalism, Post-Modern Culture, and Reactionary Politics.** Switzerland: Palgrave macmillan, 2020.

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo.** São Paulo: Pólen, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista brasileiro formação e contexto.** São Paulo: Bazar do tempo, 2019.

PRECIADO, Paul B. **Eu Sou o Monstro que Vos Fala.** São Paulo: Zahar, 2022.

PRECIADO, Paul B. **Dysphoria mundi: O som do mundo desmoronando.** São Paulo: Zahar, 2023.



RHODES, Carl. **WOKE CAPITALISM: How Corporate Morality Is Sabotaging Democracy**. Great Britain: Bristol University Press, 2022.

SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, R.; BARBALHO, A. (Orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 11-14.

STEPHEN BARKER. **ScreenRant**. Estados Unidos: Valnet Publishing Group, 2022. Disponível em: <https://screenrant.com/warner-bros-movies-tv-shows-ceo-david-zaslav-canceled/>. Acesso em: 7 jul. 2025.

TRAVIA, Julia. Uma cinema negra: limitações ou rupturas hegemônicas. In: MARTINS, Renata (org.). **Empoderadas narrativas incontidas de mulheres negras**. São Paulo: Oralituras, Spicine, Mahin Produções, 2021.

TUCHERMAN, Ieda. **Breve História do Corpo e de seus Monstros**. Rio de Janeiro: Vega, 2012.

---

**Recebido em:** 30 de julho de 2025

**Aceito em:** 19 de outubro de 2025

---